

## É NEGRO, É BANTO, MEU BRASIL A CANTAR: O SAMBA POR MARQUINHOS DE OSWALDO CRUZ<sup>1</sup>

Flávia Regina Dorneles Ramos (UFRJ)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Entrevista com Marquinhos de Oswaldo Cruz. Marcos de Sampaio de Alcântara<sup>3</sup> é um importante artista e produtor cultural negro nascido no bairro de Oswaldo Cruz no subúrbio do Rio de Janeiro. Marquinhos de Oswaldo Cruz, como conhecido, é peça fundamental no cenário cultural brasileiro não apenas por sua história e vocação como músico e compositor, mas, principalmente, por seus grandiosos projetos de resgate e preservação de epistemologias da África e sua diáspora no Brasil. Entre eles, o famoso “Trem do Samba”, maior celebração do Dia Nacional do Samba, dia 02 de dezembro, cuja primeira edição data de 1996. Eventos gratuitos e belíssimos de repercussão internacional graças a sua incansável luta pela difusão da produção artística e cultural afro-brasileira. Nesta entrevista, vamos entender como o samba condensa poeticamente os valores civilizatórios africanos, a saber: musicalidade, corporeidade, circularidade, oralidade, ludicidade, cooperatividade... e se apresenta como uma forte influência dessa diáspora na constituição da sociedade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Origens do samba. Ancestralidade. África no Rio Janeiro.

**ABSTRACT:** Interview with Marquinhos de Oswaldo Cruz. Marcos de Sampaio de Alcântara is an important black artist and cultural producer born in the Oswaldo Cruz neighborhood on the outskirts of Rio de Janeiro. Marquinhos de Oswaldo Cruz, as he is known, is a key player in the Brazilian cultural scene not only for his history and vocation as a musician and composer, but mainly for his grandiose projects to rescue and preserve the epistemologies of Africa and its diaspora in Brazil. Among them, the famous “Trem do Samba”, the biggest celebration of the National Samba Day, on December 2nd, whose first edition dates back to 1996. Free and beautiful events with international repercussion thanks to its tireless struggle to spread artistic and cultural production Afro-Brazilian. In this interview, we will understand how samba poetically condenses African civilizing values, namely: musicality, corporeality, circularity, orality, playfulness, cooperativity... and presents itself as a strong influence of this diaspora in the constitution of Brazilian society.

**KEYWORDS:** Samba Origins. ancestry. Africa in Rio de Janeiro.

**ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES:** O escritor malinês Hampâté Bâ<sup>4</sup> tem escritos memoráveis e entre eles a frase: “A herança dos ouvidos é o cerne da história africana” e, então, eu me lembrei de um samba de sua autoria em parceria com Ratinho (Alcino Correia Ferreira)

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada durante o evento Jornadas Negras da Unioeste – Campus Foz de Iguaçu em outubro de 2020 pela professora Flávia Regina Dorneles Ramos, docente do curso de Letras nessa universidade na ocasião. Em:

[https://www.youtube.com/watch?v=obTsG70HptA&list=PLOFhgL60Dx7HtZZEtTCigEWtLDogngJvO&index=23&ab\\_channel=UnioesteCampFoz](https://www.youtube.com/watch?v=obTsG70HptA&list=PLOFhgL60Dx7HtZZEtTCigEWtLDogngJvO&index=23&ab_channel=UnioesteCampFoz)

<sup>2</sup> Mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda em Linguagem e Sociedade pela Universidade do Oeste do Paraná - Campus Cascavel, E-mail: [flaviadornelesramos@gmail.com](mailto:flaviadornelesramos@gmail.com).

<sup>3</sup> Mais sobre o artista em: <https://dicionariompb.com.br/marquinhos-de-oswaldo-cruz/dados-artisticos>

<sup>4</sup> Hampâté Bâ. *Amkoullel de Fula Boy*, 2021.

que se chama “Herança do Samba”. “O samba é o sussurro da voz ancestral (...) é negro, é Bantu, meu Brasil a cantar!” O samba é Bantu? É herança dos ouvidos? Como nasceu o samba?



Marquinhos de Oswaldo Cruz<sup>5</sup>

**ENTREVISTADO MARQUINHOS DE OSWALDO CRUZ:** Então, o bairro de Oswaldo Cruz era um bairro condenado a acabar porque quando fechavam uma estação de trem para acesso à cidade no Rio de Janeiro, os bairros iam morrendo praticamente. Junto com o bairro, as vezes morria muita história que é a que vamos tentar recuperar aqui nessa live através do samba, das origens do samba. A história desse bairro e de toda aquela região talvez seja uma espécie de "Museu do Louvre" de bens culturais e imateriais da cidade do Rio de Janeiro.

(recitado)

Todos contam maravilhas  
 De seus bairros  
 Hoje peço licença  
 E vou falar do meu  
 Porque tenho a nítida impressão  
 Quem mora em Oswaldo Cruz  
 Mora perto de Deus  
 Quem vislumbrar  
 O panorama ao passar  
 Neste lugar  
 Por certo não há de acreditar  
 que a passurada  
 Ao romper da madrugada  
 Vem ao povo  
 Do meu bairro despertar  
 Pela ordem natural das coisas  
 Oswaldo Cruz é um berço de bamba  
 Lá existe a famosa Portela  
 Um verdadeiro poderio no samba  
 Quem viver todos os dias  
 Cercado pela nostalgia  
 Aceite os conselhos meus  
 Vem morar em Oswaldo Cruz  
 Vem gozar das delícias  
 Mandadas por Deus

**Meu Bairro.** (Mestre Casquinha da Portela)

(cantado, voz e violão)

Um velho banco,  
 antiga estação  
 eu vou sentindo  
 o que os olhos não podem ver  
 nesta marmitta  
 eu carrego os meus versos  
 que alimentam  
 de emoção meu dia a dia  
 mas é que hoje  
 acordei bem mais sambista  
 ao me lembrar  
 de muitos sambas que ouvi  
 a velha guarda resistindo com poesia  
 fazendo sambas  
 que desafiam a lógica  
 Oswaldo cruz,  
 num subúrbio instalado  
 com sua calma,  
 dissonantes botequins  
 os seus segredos:  
 locomotivas que passam  
 e um sambista  
 na lapela um lírio azul  
 são canções e desejos variantes  
 uma beleza que o rio desconhece  
 eu peço a deus  
 que me dê saúde e luz  
 e sobre tempo  
 pra iluminar Oswaldo cruz.  
**O que os olhos não podem ver.**  
 (Marquinhos de Oswaldo Cruz)

<sup>5</sup> Fonte da foto: <https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/marquinhos-de-oswaldo-cruz-fala-trem-do-samba/>.

(canto, violão e voz)

Oxum Ora yê yê ô  
 Conceição é Maria  
 Oxum é Maria  
 Minha mãe é Maria  
 (...)  
 Volto ao Rio de Janeiro porque o  
 samba tem magia  
 as férias das Yabás  
 Santo Amaro, Cachoeira, Oswaldo  
 Cruz e Madureira

Nós somos “iniciados” no samba, cada um foi iniciado na sua vida nas coisas que acredita e faz, então, eu vou convidar vocês a se iniciarem também no samba e conhecer a beleza dessa herança ancestral.

A cidade do Rio de Janeiro foi a cidade que mais recebeu negros escravizados da humanidade. Eu sou cantor e compositor e é o que pesa mais em meu trabalho, porém eu gosto sempre de saber mais sobre as coisas e, segundo os historiadores, grandes viajantes que chegavam ao porto, a salvo, ao Cais do Valongo, se

sentiam em África. (...) Certa vez, eu conheci um grande professor africano do Benin que queria saber onde estava essa “África” de que tanto se falava no Brasil. Então, é isso que eu aqui vou tentar mostrar para vocês também. Sob as bênçãos de “Oxum Ora yê yê ô” na letra de “Santo Amaro, Cachoeira, Oswaldo Cruz e Madureira”.

Esse é o passeio que eu vou tentar fazer com vocês. Todo mundo que chega na cidade maravilhosa, Leblon, Copacabana, Ipanema... e coisas muito bonitas, mas que diante desse conhecimento de que a cidade do Rio de Janeiro foi a cidade do mundo que mais recebeu negros para serem escravizados irão se perguntar: E onde estão esses negros? Eles não estão nesses bairros “nobres”. Eles foram literalmente expulsos para os subúrbios. Um grande exemplo desse processo foi o deslocamento do mercado. Toda cidade tem

um grande mercado, um mercado modelo e quase sempre esses mercados são bastante centrais. Assim, o nosso Mercado Municipal (em função das várias reformas que a cidade teve com esse

objetivo de expulsar a população negra do centro da cidade) foi parar a 30km de distância. Hoje em dia ele leva outro nome e já não é mais mercado municipal, se chama: Mercado de Madureira. e é, justamente, essa região que é muito rica no sentido de comércio porque Cascadura tinha um comércio muito forte, Madureira tinha um comércio muito forte... e o trem, com a expulsão dos negros do centro, tinha que ir até onde eles chegaram, os negros eram a mão de obra na cidade. E o trem era puxado por uma máquina e essa máquina tinha que fazer a curva, porque ela não vinha de ré. E existia uma estação que se chamava Estação Dona Clara e era lá onde o trem fazia a curva.

E trazia para o centro não só os negros dessa diáspora interna da cidade do Rio de Janeiro, mas também muitos que vieram do Vale do Paraíba<sup>6</sup>, de Minas e que se assentaram por aquele

(Cantado, voz e violão)

Brilhando num imenso cenário  
 Num turbilhão de luz, de luz  
 Surge a imagem daquela  
 Que meu samba traduz  
 Ah, estrela vai brilhando  
 Mil paetês salpicando  
 O chão de poesia  
 A vedete principal  
 Do subúrbio da central  
 Foi a pioneira  
 E um trem de luxo parte  
 Para exaltar a sua arte  
 Que encantou Madureira  
 Mesmo com o palco apagado  
 Apoteose é o infinito  
 Continua estrela  
 Brilhando no céu.

**Estrela de Madureira**  
 (Roberto Ribeiro)

(Cantado, voz e violão)

O meu lugar  
 É caminho de Ogum e Iansã  
 Lá tem samba até de manhã  
 Uma ginga em cada andar  
 O meu lugar  
 É cercado de luta e suor  
 Esperança num mundo  
 melhor  
 E cerveja pra comemorar  
 O meu lugar  
 Tem seus mitos e seres de luz  
 É bem perto de Oswaldo Cruz  
 Cascadura, Vaz Lobo, Irajá  
 O meu lugar  
 É sorriso, é paz e prazer  
 O seu nome é doce dizer  
 Madureira, iá-laiá (Vai!)  
 Madureira, iá-laiá-lá

**Meu lugar.**  
 (Arlindo Cruz)

<sup>6</sup> “No século XIX, era corrente o dito de que o “Brasil é o Vale”. A metonímia expressava de forma cristalina o papel central que a exportação de café, concentrada nos municípios fluminenses, mineiros e paulistas da bacia do rio Paraíba do Sul, desempenhou para a construção institucional do Império do Brasil. (...) O fundamento residiu na escravização massiva e ilegal dos africanos que aqui chegaram durante as décadas de 1830 e 1840.

lugar. Fora isso, o bairro vizinho, o bairro de Oswaldo Cruz, é um bairro com uma herança dessa escravidão muito forte (um bairro tipicamente rural). Tanto é que você até hoje tem o jongo lá no Morro da Serrinha.<sup>7</sup>Então essas pessoas passaram a fazer essa viagem de ir para esse lugar. É um lugar que quase todo mundo conhece musicalmente, né?

Tem outra também que é muito famosa, os mais antigos talvez vão lembrar, tem que pegar o tempo...

E essa região da grande Madureira onde a população negra mais vivia, no Morro as Serrinha. A população negra morava ou nos morros ou nos subúrbios após a expulsão. Então, esse foi o local da cidade que mais agregou e mais recebeu essas pessoas, e principalmente nesse bairro que se chamava Rio das Pedras e depois virou Oswaldo Cruz. Lá eu aponto que nasceram as duas das maiores lideranças negras da música no século XX: o primeiro deles foi Paulo da Portela (engraçado que Paulo da Portela a gente sempre imagina que ele é o Paulo porque é da Portela, mas não. Ele é Paulo da Portela porque existia um caminho que se chamava caminho portela, antes da Escola de samba nascer) E Paulo morava justamente no caminho que hoje se chama "Estrada do Portela". A importância do Paulo se dá primeiro porque naquela época era proibido cantar samba, naquela época era proibido todas as manifestações da cultura negra, era crime e o Paulo queria mostrar naquele momento "que samba não era coisa de bandido". Vou até fazer uma música que talvez os mais velhos conheçam e que relata um pouco disso...

Delegado chico palha  
Sem alma, sem coração  
Não quer samba nem curimba  
Na sua jurisdição  
Ele não prendia  
Só batia.

**Delegado Chico Palha.**  
(Nilton da Silva / Hélio dos Santos)

Então, para burlar essa perseguição, para conseguir transitar com o samba, o Paulo da Portela organizava muitas atividades. E a gente às vezes era muito radical em dizer que o Candeia era o grande líder dessa resistência sem se lembrar e analisar a conjuntura que Paulo da Portela viveu. O Paulo na década de 20 do século passado, apenas três décadas depois da Abolição da Escravidão, (o samba começa e em 1923) ele já marcava presença com seus blocos, funda o conjunto

(banda) "Oswaldo Cruz" que depois virou a "Vai como pode" que hoje é a Escola de Samba Portela que todo mundo conhece. O bairro Oswaldo Cruz, em Madureira, recebeu quase todas as minorias étnicas que viviam no país. Muitos italianos, mas muito mais portugueses e espanhóis, e principalmente, árabes e judeus. Madureira talvez tenha sido a maior comunidade judaica da cidade do Rio de Janeiro. E uma coisa que aprendi naquela terra é que a gente não tem "tolerância", a gente que é do samba respeita a diferença. E ele nessa pauta de respeitar a diferença, ia nas casas das jovens judias e portuguesas e convidava os brancos para frequentar a Portela também. Ele queria mostrar que o samba é uma coisa da maioria dos negros, mas que, nesse espaço, o coração estava aberto para a diversidade. Uma Escola de Samba, diferente do que muitos acham, é o lugar onde mais se respeita a diferença, onde todos

---

Posteriormente ao fim do tráfico transatlântico, em 1850, a enorme engrenagem de exploração do trabalho humano continuou a ser alimentada pelo tráfico interno de escravos". Ainda assim, o fim da escravatura, quebrou transformou o mundo cafeeiro e provocou o deslocamento de muitos negros forros para a o RJ. Ver em: <https://www.alamedaeditorial.com.br/historia/geografia-da-escravidao-no-vale-do-paraiba-cafeeiro>.

<sup>7</sup> O jongo é uma dança de roda e de umbigada. Um casal por vez vai para o centro da roda girando em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Considerado, desde 2005, patrimônio cultural do Brasil pelo Iphan, o jongo conta agora com um centro cultural de 2 mil metros quadrados aos pés do Morro da Serrinha, em Madureira, zona norte do Rio. A prefeitura reformou um galpão abandonado, na Rua Silas de Oliveira, número 101, e o transformou na Casa do Jongo: há salão para dança, auditório, estúdios, salas para cursos profissionalizantes, espaço para exposições permanentes, cineclube, horta comunitária, local para orações, terreiro para jongo e capoeira, além de lojas e refeitório.

[https://www.google.com/search?q=jongo&rlz=1C1GCEA\\_enBR958BR958&oq=jongo&aqs=chrome..69i57j0i512l2j46i512j0i512l6.1327j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=jongo&rlz=1C1GCEA_enBR958BR958&oq=jongo&aqs=chrome..69i57j0i512l2j46i512j0i512l6.1327j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8) Ver também: <http://jongodaserrinha.org/>.

tem a sua importância, homens e mulheres, independente da sua opção sexual, todos tem nas Escolas de samba a sua casa. E isso vem muito do Paulo da Portela que tinha essa "sacação". E existiam algumas *tias*<sup>8</sup> que organizam grandes eventos em seus quintais. Me lembro agora um grande amigo meu, o "Bira", já falecido, Professor Ubiratan Castro, que foi presidente da Fundação Palmares, falando certa vez sobre aquela briga de baiano e carioca sobre onde o samba nasceu, ele dizia assim: "Marquinhos, o samba nasceu no navio negreiro!" E eu concordo com o "Bira", e por isso se ouvia muito falar em "samba de terreiro". Era samba de terreiro mesmo. Primeiro, era o chão onde também era o terreiro de casas de santo. E tínhamos um terreiro a cada esquina, diferente de hoje, que temos as igrejas pentecostais. A cada esquina tinha uma *corimba*<sup>9</sup> (como eles chamavam naquela época) e em cada uma delas que sempre tinha uma *tia* muito importante que fazia rolar o samba. Importante fazer referência aqui a uma senhora muito famosa, as pessoas a chamavam de Tia Ciata<sup>10</sup>, lá na Praça Onze, onde o samba ficou famoso. Tia Ciata era quem recebia todo mundo. Em Oswaldo Cruz tinha uma *tia* que se chamava Dona Ester que era a anfitriã do samba. Dona Ester organizava festa de sete dias na casa dela, as pessoas frequentavam lá. Personalidades como Humberto Miranda, Pixinguinha, Donga, Paulo da Portela, Candeia... todos os sambistas, todo mundo ia pra lá. Ela também cuidava de pessoas que não tinham onde morar... e a Portela nasce nessa casa, a casa da Dona Ester. Ela trazia muita gente importante para casa dela, trazia delegado, juiz... todo mundo convivía naquelas festanças da Dona Ester<sup>11</sup>. E certa vez, em uma dessas festas, o Paulo da Portela foi de chinelo "charlotte", estilo *malandro*<sup>12</sup>, né? Malandro usava navalha, Paulo não! Paulo era um cara muito educado, muito fino. Daí chegou na casa de Dona Ester com aquele chinelo e ela disse: "Desse jeito não! Desse jeito você não pode entrar aqui." E, ele respondeu:

---

8 "Na trajetória do samba e do carnaval do Rio de Janeiro, as "tias" possuem uma participação fundamental. Tia Ciata, Tia Bebiãna e outras velhas senhoras da saudosa Praça XI organizavam importantes festas nos quintais de suas casas e terreiros. Servindo de abrigo seguro na época da perseguição, esses eventos permitiram a resistência das manifestações africanas e, a partir da integração que essas festividades promoviam, seus frequentadores espalharam as sementes do samba por todas as comunidades da cidade. O respeito por essas senhoras era tanto que, contam os historiadores, as primeiras manifestações carnavalescas verdadeiramente populares tinham que obrigatoriamente reverenciá-las, atestando a condição dessas residências como importantes centros de preservação cultural". [www.cemporcentosamba.com.br](http://www.cemporcentosamba.com.br) Acesso em outubro de 2021

9 Curimba ou Corimba pode ser entendido como festa preta com batuques. Por extensão, a palavra também é usada como sinônimo de macumba. Atualmente, é o nome que se dá ao grupo de músicos dentro dos rituais umbandistas, pessoas que cantam e tocam o atabaque e o agogô nos rituais.

10 <https://www.tiaciata.org.br/tia-ciata/biografia> No Recôncavo baiano (Santo Amaro) dia 13 de janeiro de 1854 nasce Hilária Batista de Almeida, com 16 anos mesmo tão jovem, já participara da fundação da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira, outra cidade do Recôncavo baiano. A Irmandade existe até hoje é do seu acervo. Filha de Oxum, sendo iniciada no santo na casa de Bamboché, da nação Ketu. Aos 22 anos, trazendo consigo uma filha, mudou-se para o Rio de Janeiro, formando nova família ao se casar com João Baptista da Silva, funcionário público com quem teve 14 filhos. Continuou os preceitos do santo na casa de João Alabá, tornando-se Mãe-Pequena. Morou inicialmente na Pedra do Sal, Beco João Inácio, Rua da Alfândega, 304 e posteriormente na Rua General Pedra, Rua dos Cajueiros e mais tarde na Rua Visconde de Itaúna, residindo na Cidade Nova entre os anos de 1899 e 1924. foi uma das responsáveis pela sedimentação do samba-carioca e tornou-se uma espécie de primeira-dama das comunidades negras da Pequena África.

11 "Mulher branca, provavelmente judia, segundo Marquinhos de Oswaldo Cruz, em virtude dos tipos de rezas e rituais que praticava. Pessoa bem relacionada, gentil e muito caridosa. Dona Ester, por ter bom relacionamento com os políticos, tinha o seu bloco legalizado, com alvará e licença para não ser importunado pela polícia – que na época perseguia o samba". Contudo, "a primeira sede da PORTELA foi na casa de PAULO DA PORTELA, na Barra Funda. A segunda, na Estrada do Portela nº 412, onde mais tarde foi construído o Bar do Nozinho. A terceira na Estrada do Portela, onde foi construído depois a Portelinha, e a quarta, na Rua Arruda Câmara que passou a se chamar Rua Clara Nunes (famosa portelense) após sua morte. <https://cemporcentosamba.com.br/dona-ester/>.

12 "Uma das acepções é indivíduo astuto e matreiro. Estereótipo do negro sambista desempregado ou subempregado nos anos 20 situado entre a marginalidade artística e a perspectiva de integração social. (...) Ideia associada aos filhos de escravos urbanos alforriados" LOPES, Nei; SIMAS, Luis Antonio. **Dicionário da história social do samba**. Civilização Brasileira. 2015.

“Ah, não pode entrar não. Então espera aí que eu vou entrar sim”. Foi em casa botou um terno, uma gravata e avisou a todos os portelenses: “Nosso lema agora é pescoço e pés ocupados, só vamos andar de sapato e gravata”. Eu conheci o Rufino, Sr. Rufino, um dos fundadores da Portela em 1923 juntamente com o Paulo da Portela. E eu convivi com o Sr. Rufino. E no calor do Rio de Janeiro, que é coisa de louco, 40º, ele estava sempre ali no samba com seu terno e sua gravata e de sapato. Sempre, sempre muito bem arrumado e em função desse lema do Paulo da Portela. Foi o Paulo quem introduziu o manejo das coisas que algumas escolas de samba têm hoje e ele era um cara que agregava muito. Além de ser um grande poeta. Se fala pouco disso, do quanto Paulo da Portela agregou. Ele tinha a mania de visitar as escolas de samba que estavam sendo fundadas. Enfim, é o que a gente precisa para superar tanta intolerância: a gente precisa de um terreiro e de uma roda de samba; é a nossa forma de sobrepular.

(Cantado, vos e violão)

Quitandeiro, leva cheiro e tomate  
Pra casa do Chocolate que hoje vai ter  
macarrão  
Prepara a barriga macacada  
Que a bóia tá enfezada e o pagode fica bom  
Chega só 30 litros de uca  
Para fechar a butuca  
Desse nego beberão  
Chocolate, tu avisa a crioula  
Que carregue na cebola e no queijo  
pargesão

**Quitandeiro** (Paulo da Portela)



Foto de Tia Ciata<sup>13</sup>

O Paulo na época tinha essa ideia de abrir caminhos para o samba, abrir caminhos pra que essa cultura negra se expandisse cada vez mais. E em toda casa que tinha uma festa ele fazia uma música para visitar aquela festa. Eu vou cantar uma música agora que é da década de 1920 e que o Paulo cantou na casa do "Chocolate" (era aniversário do Chocolate) e se você reparar na letra há esse registro da presença ali no meio dos imigrantes italianos. Essa música é muito famosa:

E Paulo foi essa liderança dessa metade do século. A importância do Paulo era tão grande que depois que ele sai da Portela simplesmente leva “a tira colo”: Cartola<sup>14</sup>, Heitor dos Prazeres<sup>15</sup>... Então eles vieram de uma festa ou de um show em São Paulo, era dia de carnaval, e por ordem

<sup>13</sup> Fonte da foto: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tia\\_Ciata#/media/Ficheiro:Tia\\_Ciata\\_Minc.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tia_Ciata#/media/Ficheiro:Tia_Ciata_Minc.png).

<sup>14</sup> Agenor de Oliveira, Cartola (Rio de Janeiro RJ 1908 - idem 1980). Compositor e cantor. É um dos fundadores da escola de samba carioca Mangueira. Filho de operário, mora em diversos bairros do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/busca?q=Cartola&ordem=score&tipo=pessoa&i=&f=&temas=>.

<sup>15</sup> Reprodução fotográfica Correio da Manhã/Acervo Arquivo Nacional.

Heitor dos Prazeres (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1898 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1966). Compositor e pintor. Importante nome da cultura popular brasileira, como músico, participa da fundação de grandes escolas de samba cariocas, como Portela e Mangueira. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10428/heitor-dos-prazeres>.

dele a Portela só desfilava de azul e branco e quando ele chega os “caras” dizem: “O senhor pode entrar, mas os outros dois não vão desfilar”. Existia uma desavença na época entre Heitor dos Prazeres e com Sr. Rufino<sup>16</sup>. E, então, O Paulo falou: “Se meus amigos não vão desfilar, eu também não vou. Daí, ele nunca mais botou os pés na Portela, com exceção de uma ocasião da visita do Walt Disney ao Brasil. Quando Walt Disney chegou no Rio de Janeiro ele foi justamente onde vivia Paulo da Portela, lá na Portela, e ele comandou tudo na visita, mesmo depois de ter saído da escola, para essa apresentação para o Walt Disney e dizem que dessa ocasião nasceu o Zé Carioca<sup>17</sup>, de ver o Paulo falar e sambar. Mas o Paulo tinha tamanha importância e todas as coisas que aconteceram no samba daquela época era sempre com ele, foi Cidadão-Samba etc. Ele estava em todos os lugares e sabia chegar em qualquer lugar. Até porque nós, negros, uma coisa que aprendi já há algum tempo, a gente tem que ser “poliglota”. Eu tenho que chegar lá com o meu cavaquinho, mas saber me comportar em todos os lugares, falar todas as línguas. Eu posso ir aonde eu quiser, eu tenho que arrebentar as correntes e chegar. E assim fez o Paulo da Portela. E essa região ganhou muita fama, a grande Madureira. Quem nunca ouviu um sambista de Madureira? Várias outras músicas falam de Madureira. E os comerciantes muito astutos aproveitaram essa questão para promover o lugar. E foi assim que Madureira teve sempre a maior arrecadação de ICMS do Brasil, porque não tinha Shopping, então, chegou a ser o maior comércio popular do país. Me lembro agora e não posso esquecer de uma outra grande liderança desse bairro: o Mestre Candeia<sup>18</sup>. Vou comentar só dois fatos da década de 1970. Insatisfeito com os rumos que as Escolas de Samba estavam tomando, as Escolas de Samba S.A., Candeia rompe com tudo e funda o Quilombo. Muito enganado está quem pensa que samba é coisa de alienado. A primeira manifestação pública sobre políticas afirmativas no Brasil, partiu de Martinho da Vila e Candeia. Martinho da Vila bateu nessa tecla falando sobre a universidade

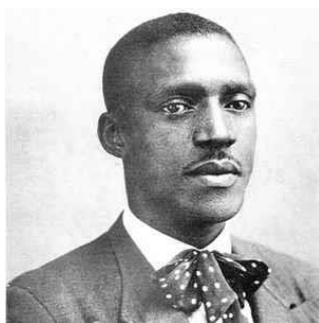


Foto Paulo da Portela<sup>19</sup>

particular como única opção para o jovem pobre. "Particular, ela é particular. Particular, ela é particular". E o Candeia já fez assim em “Dia de Graça”, ouçam: (canta)

<sup>16</sup> Compositor e cantor baiano de samba brasileiro que veio morar no Rio de Janeiro para tentar a carreira como jogador de futebol. Suas composições foram gravadas por Roberto Ribeiro, Alcione e Zeca Pagodinho, entre vários outros. (Wikipédia/outubro de 2021).

<sup>17</sup> Zé Carioca é o apelido brasileiro do papagaio Joe Carioca, personagem fictício desenvolvido no começo da década de 1940 pelos estúdios Walt Disney. Um típico malandro carioca, criativo e sagaz. Sua primeira aparição foi no filme *Saludos Amigos*, como amigo do Pato Donald. Descrito pela Time como "um papagaio brasileiro elegante, que é tão superior ao Pato Donald quanto o Pato era ao Mickey Mouse". «The New Pictures, Jan. 25, 1943». Time (em inglês). 25 de janeiro de 1943. ISSN 0040-781X. Consultado em 2 de novembro de 2020. Ver também reportagem: <https://globoplay.globo.com/v/9795827/> Acesso em: outubro de 2021.

<sup>18</sup> [De acordo com o crítico Mauro Ferreira: "Tal qual Zumbi dos Palmares, Candeia era o Zumbi dos terreiros cariocas, desbravando caminhos e lutou para manter erguida a bandeira dos partidos mais altos e do orgulho negro."](https://dicionariompb.com.br/candeia/biografia) <https://dicionariompb.com.br/candeia/biografia>.

<sup>19</sup> Fonte da foto: <https://www.discogs.com/artist/1354114-Paulo-da-Portela> Acesso em outubro de 2021.

Isso é Candeia! Então, Candeia além de tudo, é um grande Mestre. Todo mundo também conhece essa: (canta)

(cantada, voz, violão)

Deixe-me ir  
 Preciso andar  
 Vou por aí a procurar  
 Rir pra não chorar  
 Deixe-me ir  
 Preciso andar  
 Vou por aí a procurar  
 Sorrir pra não chorar  
 Quero assistir ao sol nascer  
 Ver as águas dos rios correr  
 Ouvir os pássaros cantar  
 Eu quero nascer  
 Quero viver  
 Deixe-me ir  
 Preciso andar  
 Vou por aí a procurar  
 Sorrir pra não chorar  
 (...)

**Preciso me encontrar** (Candeias)

(cantada, voz, violão)

Negro, acorda, é hora de acordar  
 Não negue a raça, torne toda manhã  
 dia de graça, não humilhe nem se  
 humilhe a ninguém  
 Negro  
 Todas as raças já foram escravas  
 também  
 E deixa de ser rei só na folia  
 E faça da sua Maria, uma rainha  
 todos os dias  
 E cante um samba na universidade  
 E verá que teu filho será príncipe de  
 verdade  
 Aí então, jamais tu voltarás ao  
 barracão, aí então  
 Aí então, jamais tu voltarás ao  
 barracão, ó meu irmão  
 Aí então, jamais tu voltarás ao  
 barracão, ó meu irmão  
 Aí então, jamais tu voltarás ao  
 barracão, ó meu irmão.

**Dia de Graça.** (Candeia, 1970)

Agora, eu acho importante falar com relação ao ostracismo no samba. Essa época é uma época em que as escolas de samba sofrem a invasão da Academia Brasileira de Belas Artes, então, o espetáculo passa a ser mais importante de uma escola de samba. E não é para ser assim. Uma escola de samba é uma escola de vivências. E lá naquela região, tanto o Império Serrano quanto a Portela, são escolas onde as pessoas convivem na escola, passam praticamente a semana inteira na escola. Não é escola de desfile! Antes de ontem eu estive com o grande Mestre Nelson Sargento<sup>20</sup> e ele me disse assim: “Marquinhos, existia um samba pra desfile, mas o que interessava a gente era o samba do ano inteiro”. Que é o famoso samba de terreiro. E as escolas de samba de terreiro foram sofrendo esse ostracismo, os sambistas não, as escolas, e o grande mercado foi batendo e transformando tudo aquilo. E dessa forma os bairros de origem foram se perdendo também. E é nesse contexto e nesse bairro de Oswaldo Cruz que também acontece uma coisa muito interessante: Paulinho da Viola<sup>21</sup>, que não era desses subúrbios, era de Botafogo, muito consciente da importância desses pretos anciãos da Portela, ele começa um projeto de valorização desses senhores: a Velha Guarda Show<sup>22</sup>. A velha guarda estava

<sup>20</sup> Nelson Sargento (1924), nome artístico de Nelson Mattos, foi um compositor negro, cantor, pesquisador da música popular brasileira, artista plástico, ator e escritor brasileiro, morador do Morro do Salgueiro e do Morro da Mangueira falecido de Covid-19 em maio de 2021. <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/05/27/nelson-sargento-voz-elegante-de-mangueira-fica-imortalizado-pelo-amor-sincero-ao-samba.ghtml> Acesso em: outubro de 2021.

<sup>21</sup> “Paulinho da Viola (1942) é um cantor, compositor e violonista brasileiro, um dos mais importantes representantes do samba e da Música Popular Brasileira. (...) Seu pai, violonista, era integrante da primeira formação do grupo de choro Época de Ouro. Desde pequeno, Paulinho conviveu com grandes nomes do choro, como Pixinguinha e Jacob do Bandolim” [https://www.ebiografia.com/paulinho\\_da\\_viola/](https://www.ebiografia.com/paulinho_da_viola/) Acesso em; outubro de 2021.

<sup>22</sup> <https://dicionariompb.com.br/velha-guarda-da-portela/dados-artisticos>.

realmente sem espaço, só o samba enredo da escola importava. E ele começou a ensaiar na casa do seu Manaceia<sup>23</sup> (que era um grande autor) e da casa do seu Manaceia foram para o fundo do quintal da Tia Doca<sup>24</sup>. E os nossos mais velhos são incríveis porque o tempo para a gente é um tempo cíclico e eles querem voltar para os terreiros para cantar. E foi uma loucura. No Cacique de Ramos <sup>25</sup>começam a fazer reuniões. E essa história do Cacique é uma história que não dá tempo de contar, mas é uma história que o Brasil inteiro conhece, que explodiu, ampliou o samba e foi por aí que a velha guarda voltou a cantar. E Oswaldo Cruz é um bairro famoso por isso, porque recebeu tantas vitórias e muitas glórias para samba. (canta) E "eu peço a Deus que me dê saúde e luz e sobre tempo para iluminar Oswaldo Cruz". Oswaldo Cruz tem uma beleza que o Rio desconhece, mas que o Brasil reconhece.

(canta, voz e violão)

Ah,  
 Quantas lágrimas eu tenho derramado  
 Só em saber que não posso mais  
 Reviver o meu passado  
 Eu vivia cheio de esperança e de alegria  
 Eu cantava, eu sorria  
 Mas hoje em dia eu não tenho mais  
 A alegria dos tempos atrás  
 Mas hoje em dia eu não tenho mais  
 A alegria dos tempos atrás"  
**Quantas Lágrimas** (Manaceia)

(canta, voz e violão)

Numa estrada dessa vida  
 Eu te conheci  
 Oh Flor!  
 Vinhas tão desiludida  
 Malsucedida  
 Por um falso amor...  
 Dei afeto e carinho  
 Como retribuição  
 Procuraste um outro ninho  
 Em desalinho  
 Ficou o meu coração  
 Meu peito agora é só paixão  
 Meu peito agora é só paixão...

**Coração em desalinho**  
 (Mestre Monarco)

(canta, voz e violão)

Eu vivia isolado do mundo  
 Quando eu era vagabundo  
 Sem ter um amor  
 Hoje em dia eu me regenerarei  
 Sou um chefe de família  
 Da mulher que eu amei...

**Eu vivia isolado do mundo**  
 (Mestre Alcides Dias Lopes)

(canta, voz e violão)

A chuva cai lá fora  
 Você vai se molhar  
 Já lhe pedi, não vai embora  
 Espere o tempo melhorar  
 Até a própria natureza  
 Está pedindo pra você ficar...

**A Chuva Cai**  
 (Mestre Argemiro Patrocínio)

(canta, voz e violão)

"Eu vim de lá, eu vim de lá,  
 pequenininho  
 Mas eu vim de lá,  
 pequenininho  
 Alguém me avisou  
 Pra pisar neste chão  
 devagarinho  
 Alguém me avisou  
 Pra pisar neste chão  
 devagarinho, eu vim de lá"

**Alguém me avisou** (Dona Ivone Lara)

"Sonho meu, sonho meu  
 Vai buscar que mora longe  
 Sonho meu  
 Sonho meu, sonho meu  
 Vai buscar que mora longe  
 Sonho meu"

**Sonho Meu** (Dona Ivone e Délcio Carvalho)

Então, olha a riqueza desse lugar e que fica ao lado, há 1km de distância do Morro da Serrinha. A maior compositora da história do Brasil é de lá e tive a honra de poder dizer isso pra ela várias vezes. Fiz muito show com ela. Não tem nem Chiquinha Gonzada, que eu gosto muito, mas a maior compositora do Brasil é Dona Ivone Lara <sup>26</sup>

<sup>23</sup> Manaceia (Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1921 — Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1995) foi um negro um compositor e instrumentista brasileiro. Ver também documentário:

[https://web.archive.org/web/20131103081738/http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com\\_content&task=view&id=997&Itemid=545](https://web.archive.org/web/20131103081738/http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=997&Itemid=545) Acesso em outubro de 2021.

<sup>24</sup> Menina negra nascida no Morro do Pau Fincado (Caju/RJ) em 1932. Fez parte da tradição das tias fundadoras e protetoras do samba na década de 40. <http://www.revistazepereira.com.br/nao-sabia-que-existia-americano-preto/> Ver também: <https://dicionariompb.com.br/tia-doca>.

<sup>25</sup> O Cacique de Ramos é um dos mais conhecidos e tradicionais blocos de carnaval do Rio de Janeiro. <http://caciquederamos.com.br/nossa-historia/> Acesso em: outubro de 2021.

<sup>26</sup> Yvonne Lara da Costa OMC, mais conhecida como Dona Ivone Lara, foi uma cantora e compositora brasileira. Conhecida como Rainha do Samba e Grande Dama do Samba ela foi a

**ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES:** Samba, samba-chula, samba raiado, samba-choro, samba-canção, samba-enredo, samba de breque, de terreiro, de quadra, de partido-alto, pagodes...

São tantos os estilos de fazer samba que podemos pensá-lo como uma espécie de metagênero, um grande ambiente sociomusical onde práticas culturais coletivas ocorrem a partir da música e através dela. (...) O samba no Rio de Janeiro foi e é um pólo aglutinador dos grandes universos culturais tradicionais africanos – o bantu, o jêje e o nagô –, que englobam uma infinidade de variações, significados e realidades, diferenciados de comunidade para comunidade (NOGUEIRA, 2007, s.p.)<sup>27</sup>.

Quantos estilos de sambam existem, Marquinhos? E as rodas de samba possuem relação com as rodas de umbigada nos quilombos, com o samba de roda baiano, com as rodas de capoeira, com as giras de umbanda, com as rodas do jongo? A roda de samba é a roda da vida?

**ENTREVISTADO MARQUINHOS DE OSWALDO CRUZ:** Eu acho legal essa pergunta sobre estilos de samba porque a questão reside em como o negro brasileiro se comportou e se posicionou com a sua música. As pessoas quando falam de Jazz, falam do Jazz como o máximo do máximo do máximo. E o samba tem qualidade musical igual ou superior ao Jazz. Eu me lembro de uma história que o Mestre Darci e outros Mestres me contaram sobre a vinda de um grande grupo estadunidense ao Brasil para tocar Jazz. E tocavam fox, e tocava jazz e tal. Em seguida entrava o grande Severino Araújo<sup>28</sup> com sua orquestra, e, então, tudo que um grupo tocava o outro tinha que tocar. Chegou uma hora que o Severino Araújo começou a tocar samba, samba mesmo. Os americanos ficaram todos de pé porque aquela música eles não sabiam tocar e estavam alucinados com a complexidade da música. O Jazz tem aquela questão do improvisado, do espaço... Longe de mim querer tirar o mérito do Jazz, mas eu tenho a certeza de que nos falta apenas falar do samba com o respeito e a propriedade com que se fala do Jazz. E o samba, do ponto de vista técnico é páreo duro para o Jazz. Muito mais rico melodicamente, inclusive, pela quantidade de gêneros. Segundo a variação, temos desenhos melódicos imprevisíveis (fundamento rítmico do samba), compassos compostos e acordes com muitas, muitas tensões, com 5, 6... notas. São peças difficilíssimas de se tocar. Alguns tipos de samba estão até mais para o Blues do que para o Jazz. Dá uma volta maior em melodia. Enfim, quando eu falo da riqueza do samba, eu falo porque eu conheço. Conheço Samba de Terreiro, Samba de Quadra, Samba Canção, Samba de Partido Alto... e é realmente um metagênero riquíssimo e incrível.

E sobre a roda de samba. É isso mesmo: tudo na África é em volta, todos juntos. O princípio da circularidade. Agora, tem uma coisa muito legal entre o samba e a capoeira que eu aprendi com o Mestre Darcy do Jongo<sup>29</sup>: em primeiro lugar, o ritmo; é bantu. O pandeiro de partido alto é

---

primeira mulher a assinar um samba-enredo e a fazer parte da ala de compositores de uma escola, a Império Serrano. [https://books.google.com.br/books?redir\\_esc=y&hl=pt-BR&id=rPNJDwAAQBAJ&q=1922#v=onepage&q=1922&f=false](https://books.google.com.br/books?redir_esc=y&hl=pt-BR&id=rPNJDwAAQBAJ&q=1922#v=onepage&q=1922&f=false) Acesso em outubro de 2021. Ver também <http://www.donaivonelara.com.br/>.

<sup>27</sup> <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieSambaWeb.pdf>.

<sup>28</sup> Severino Araújo de Oliveira. Foi regente por quase 70 anos da Orquestra Tabajara. Um dos pioneiros na fusão de elementos do jazz e do samba na música brasileira. <https://dicionariompb.com.br/severino-araujo> Clássicos do Choro Brasileiro: **Você é o solista!** - Severino Araújo volume I, Edição 2008; ISBN-13: 978-0-9816691-0-6 e ISBN-10: 0-9816691-0-7. Ver também: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/08/morre-no-rio-o-maestro-severino-araujo-da-orquestra-tabajara.html>.

<sup>29</sup> "Darcy do Jongo foi Cantor, compositor, jogueiro e percussionista. Criador do Grupo Bassam, que mantém a tradição do jongo na Serrinha." <https://dicionariompb.com.br/darcy-do-jongo>.

quase o pandeiro da capoeira. A musicalidade é mesma. No samba é o verso de improviso que sai para dar a rasteira. E existe, de fato, uma relação muito forte de origem, né? Angola, Congo. Essas tradições vêm de lá. O samba é bantu. E a questão da roda, de estar em roda, é a forma africana de olhar o mundo. O princípio da circularidade como coesão e toda essa questão do tempo cíclico. Para a gente o tempo é cíclico. Eu conheci um Mestre, Mestre Marisco, do povo do jongo, lá de Angra dos Reis, e ele me falava justamente disso, sobre a hora que eles saiam para a disputa de versos. Assim é também no jongo. Olha que incrível. O Mestre Darcy tinha essa mania, cantava o jongo, a gente tocava muita coisa junto. Eu levava o cavaquinho (e nem era o cavaquinho certo do jongo) e ele gostava que eu fosse, porque eu tinha também essa questão do verso de improviso do samba. Então, ele vinha com aqueles versos decorados e a gente tinha que fazer o nosso na hora. Era assim. Na batucada é a mesma coisa. Então, essas tradições têm muito mais do que a roda em comum.

**ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES:** O samba-enredo, mais do que um samba para sambar, foi se estabelecendo desde 1929, época do magnífico Cartola<sup>30</sup>, como uma estética específica do samba, correto, Marquinhos? Hoje sua poesia é resultado do estudo sobre um tema específico que será apresentado em um desfile carnavalesco. É verdade que já não se faz samba-enredo tão belo como os de antigamente?

**ENTREVISTADO MARQUINHOS DE OSWALDO CRUZ:** Eu Olha só, Flavinha, eu acho que o grande problema desse debate está na discussão com a prefeitura. Os meninos estão aí, tem a rede de rodas de samba, todo mundo discute os problemas pontuais do samba, mas o grande problema do samba na cidade do Rio de Janeiro passa pela difusão. A gente se iludiu muito na época dos pagodes, os pagodes dos fundos de quintais, Tia Doca, Fundo de Quintal... onde o Correio Nagô fazia com que a música acontecesse também nas rádios. O grande mercado se apropriou disso. Fizeram estourar Zeca Pagodinho, Jovelina Pérola Negra<sup>31</sup>, entre outros. Depois a coisa mudou. Até porque o mercado não quer gente, o mercado quer uma coisa que você possa ter e substituí a hora que ele quiser. A indústria da música quer esse dinamismo, é tudo muito rápido. Então, eles não querem mais um João Nogueira, querem alguma coisa que possam usar, esgotar e depois jogar fora e “nego” nem vai lembrar mais. Nos se iludimos muito com isso. O que isso tem a ver com o samba de enredo. No Rio de Janeiro não existe uma rádio na cidade maravilhosa que coloque samba em sua programação. Não existe! Não tem uma rádio que toque samba. Eu não estou falando de programa esporádico, eu digo na sua programação diária. Então, o que eu estou falando que posso citar para vocês, ao menos, três sambas de enredo obras-primas que marcaram 2012: o da Portela, um outro do Martinho da

---

<sup>30</sup> Cartola foi um cantor, compositor, poeta e violonista brasileiro. Tem como maiores sucessos as músicas As Rosas não Falam, O Mundo É um Moinho e Alvorada. Cartola: Os Tempos Idos, de Arthur L de Oliveira Filho & Marília Trindade Barbosa da Silva, Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

<sup>31</sup> Jovelina Farias Belfort foi uma cantora e compositora brasileira, e uma das grandes musas do samba. Voz rouca, forte, de tom popular e força batente. Herdeira do estilo de Clementina de Jesus, foi, como ela, empregada doméstica antes de fazer sucesso no mundo artístico. Nascida em Miguel Couto, Nova Iguaçu, RJ. <https://dicionariompb.com.br/jovelina-perola-negra>. Ver também. <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/ha-20-anos-samba-perdia-jovelina-perola-negra-dama-do-partido-alto-23196249> Acesso em: outubro de 2021.

Vila <sup>32</sup>e do Arlindo Cruz <sup>33</sup>e do André Diniz. O do Tonico também falando da Vila Isabel: (canta) "A vila vem mostrar / festa no arraial / é pra lá de bom!". E tem outros dos meus "compadres" Luiz Carlos Massa e Manu da Cuíca que foi da Mangueira no ano retrasado. Esse é incrível! Tem uma letra maravilhosa e uma melodia totalmente diferente que, com certeza, se tivéssemos a difusão que tínhamos naquelas épocas, as pessoas estariam cantando esses sambas no Brasil. Porque naquela época o disco de samba enredo tocava nas rádios como tocava Roberto Carlos. Vendia como os discos do Roberto. Final de ano, todo mundo guardava um dinheirinho para comprar os discos das escolas de samba. Por quê? Porque tocava na rádio, porque a difusão é muito importante. Não quero dizer aqui que todos os sambas-enredo são de boa qualidade. Muitos são fórmulas de bolo, mas tem nesse meio muita coisa boa que, infelizmente, não se dá a conhecer pelo Brasil. Olha, eu não posso me esquecer de mencionar o samba do meu "compadre" Fred Camacho do Salgueiro. Eu ia emocionado... eu estava na pista de concentração<sup>34</sup> porque a Portela ia desfilar depois deles e me lembrei que quando o Fred fez o samba encontrou comigo no metrô do Largo da Carioca e me disse: "Oswaldo Cruz, preciso falar com você! Eu estava chateado com um negócio... Dá uma olhada nesse samba e vê se tá bom" .... E começou a cantarolando no meu ouvido, ali dentro do metrô, de primeira mão antes de gravar para ir para disputa no Salgueiro. Ele cantarolando: "É que eu sou malandro batuqueiro / Cria lá do morro do Salgueiro / Se não acredita (...) pra ver / O coro vai comer!". Uma letra linda! Cara, quando eles cantavam esse samba na avenida -eu estou todo arrepiado aqui só de lembrar- eu estava na concentração debaixo do viaduto, na entrada da Marquês de Sapucaí onde tem um mangue e nessa área de concentração a prefeitura faz um espaço para os pobres que podem comprar ingresso para ver o espetáculo e o povo vai. Então, quando chegava no refrão desse samba, aquela arquibancada que é de madeira parecia que ia cair. O povo pulando e cantando! A coisa mais linda aquilo. Coisa espontânea, o povo sabe quando o samba de enredo é bom. E é isso que eu falei, se esse samba tocasse na rádio com toda certeza estaria fazendo sucesso de ser eternizado como os sambas de enredo de antigamente. Contudo, o samba de enredo de antigamente tinha, de fato, um lirismo do qual eu sou saudosos. Estou aqui agora pensando, faço ou não faço um samba para a Portela desse ano. Estou na dúvida, confesso. Porque é sempre uma disputa desgastante. <sup>35</sup>É chato, sabe. E tem uma outra

---

<sup>32</sup> Martinho José Ferreira é um cantor, compositor, sambista e escritor carioca. Nasceu num sábado de carnaval. Foi criado em Lins de Vasconcelos, na Serra dos Pretos Forros. "Doutor Honoris Causa" em sessão solene do Conselho Universitário da Faculdade de Letras da UFRJ. <https://dicionariompb.com.br/martinho-da-vila/biografia>.

<sup>33</sup> Arlindo Domingos da Cruz Filho, mais conhecido como Arlindo Cruz (Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1958), é um músico e compositor brasileiro de samba e pagode. Arlindo Cruz participou do grupo Fundo de Quintal. <https://arlindocruz.com.br/biografia/>.

<sup>34</sup> Referência a Passarela do Samba e sua pista de concentração. O Sambódromo da Marquês de Sapucaí, oficialmente denominado como Passarela pelo Professor Darcy Ribeiro, no RJ, foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurado em 1984. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). <https://vejario.abril.com.br/cidade/sambodromo-definitivamente-tombado/amp/>

O Sambódromo, como espaço de espetáculo, foi analisado em tese de doutorado onde se registra que "o desfile de carnaval no Sambódromo é o mais importante evento carnavalesco do Rio de Janeiro, não só porque é o mais difundido, mas especialmente porque gradualmente transformou-se em um espetáculo muito elaborado, eclipsando todos os outros eventos carnavalescos do Brasil". Ver em:

<https://archipel.uqam.ca/1024/1/D1675.pdf> Em 1984 quando o Sambódromo foi inaugurado, a transmissão dos desfiles das escolas de samba, que sempre foi feita pela Rede Globo, foi realizada pela, então, Rede Manchete. Os motivos foram muitos, então a emissora ficou de fora, mantendo a sua programação normal. Essa situação gerou uma baixa brutal de audiência da Rede Globo, que começou pelo fantástico no domingo e se estendeu pela segunda e terça-feira de carnaval, prejudicando, assim, a audiência da então novela das oito, *Champagne*. Desde então, a Rede Globo nunca mais deixou de exibir o Carnaval carioca.

<sup>35</sup> Referência a disputa entre outros sambas-enredo a serem escolhidos por cada Escola de Samba em seus ensaios de fim de semana meses antes do carnaval. A partir do enredo pesquisado e escolhido pela escola

coisa, eu tenho uma concepção de samba-enredo que é à moda antiga. Mesmo indo para quadra, vai à moda antiga. E aí tem alguns parceiros, parceiros campeões que me dizem: "Aí, Marquinhos, samba de velho os eu, vamos fazer algo mais moderno, cara". Eu não consigo, colocar esse "modernismo" nos sambas que faço, porque "esse tempo mora em mim", como diz Paulinho da Viola<sup>36</sup>. O gênio, ele se manifesta nas coisas mais simples do mundo. Em fevereiro de 1969, o Império Serrano desfilou com o enredo "Heróis da Liberdade" e o Silas de Oliveira conseguiu entrar na Passarela com esse Enredo. Entrou naquele momento crítico de repressão dos estudantes, da passeata dos cem mil... Se ele se fosse um Chico Buarque, todo mundo estaria falando até hoje sobre um exemplo de resistência à ditadura militar através da música... Não que eu não goste, acho o Chico Buarque um gênio. Mas se fosse o Chico todo mundo estaria lecionando o que ele fez até hoje. O Silas entrou com uma escola inteira falando de Minas Gerais... ele até foi preso por conta disso, olha só: (canta)

Imagem, 1969. Logo depois disso, o grande Cartola<sup>37</sup> foi preso também e o racismo "soltou ele"! Olha que coisa maluca: "Tú acha que esse negão está cantando por política? Negócio dele é só cachaça!" e ele foi solto por causa disso. O cara branco que se misturava no samba e que era da repressão foi lá tirar ele dizendo isso e conseguiu. Cartola foi solto pelo racismo. Olha a "sacação" dele: "Ao longe soldados e tambores / Alunos e professores / Acompanhados de clarim / Cantavam assim: Já raiou a liberdade (...)".

E conseguiu burlar a censura, burlar tudo. Naquela época, eles pegavam e matavam, matavam mesmo. Com dois ou três meses de AI-5, os caras conseguiram bancar... é genial. Genial demais! Se fosse o grande ídolo, Chico Buarque de Holanda, todo mundo ia lembrar dessa maneira. Mas para falar assim: samba é resistência e compromisso social também.

**ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES:** E eu também fiquei pensando aqui, Marquinhos, nesse protagonismo todo por parte das mulheres como reflexo de uma cultura matriarcal. A África é matrilinear e matripotente. O sistema senioridade venera a *Iyá* (a tia, a mãe, a avó, a que cuida, a rezadeira) como cocriadora da humanidade e detentora do conhecimento espiritual e material na comunidade (Oyèrónkè Oyèwùmí, 2016).<sup>38</sup> Não fragilidade e submissão em uma

através de seus carnavalescos, os compositores da escola devem criar um samba-enredo que será julgado por equipe de sambistas e especialistas em encontros denominados: "Corte de Samba".

<sup>36</sup> [https://www.ebiografia.com/paulinho\\_da\\_viola/](https://www.ebiografia.com/paulinho_da_viola/).

<sup>37</sup> Cartola: Os Tempos Idos, de Arthur L de Oliveira Filho & Marília Trindade Barbosa da Silva, (220pp.). Pág. 94 e 101. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.

<sup>38</sup> [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9E1%BA%B9%CC%81\\_oy%C4%B9m%C3%B9m%C3%AD\\_-\\_matripot%C3%A4ncia.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%B9m%C3%B9m%C3%AD_-_matripot%C3%A4ncia.pdf) Acesso em: 10/21.

(cantada, voz, violão)

Ô ô ô  
 Liberdade, Senhor,  
 Passava a noite, vinha dia  
 O sangue do negro corria  
 Dia a dia De lamento em lamento  
 De agonia em agonia  
 Ele pedia  
 O fim da tirania  
 Lá em Vila Rica  
 Junto ao Largo da Bica  
 Local da opressão  
 A fiel maçonaria  
 Com sabedoria  
 Deu sua decisão lá, rá, rá  
 Com flores e alegria veio a abolição  
 A Independência laureando o seu brasão  
 Ao longe soldados e tambores  
 Alunos e professores  
 Acompanhados de clarim  
 Cantavam assim:  
 Já raiou a liberdade  
 A liberdade já raiou  
 Esta brisa que a juventude afaga  
 Esta chama que o ódio não apaga pelo Universo  
 É a evolução em sua legítima razão  
 Samba, oh samba  
 Tem a sua primazia  
 De gozar da felicidade  
 Samba, meu samba  
 Presta esta homenagem  
 Aos "Heróis da Liberdade"

OLIVEIRA, Silas de. **Heróis da Liberdade**. Rio de Janeiro, 1969.

mulher negra pela tradição. São muitos nomes que representam essa força no samba, correto? Foi essa força feminina que fizeram com que você idealizasse esse evento cultural incrível de música e gastronomia, a “A Feira das Yabás<sup>39</sup>”?

**ENTREVISTADO MARQUINHOS DE OSWALDO CRUZ:** Sem dúvidas, Flavinha. Falei um pouco da Dona Ivone Lara e a gente pode até aproveitar para falar de Clementina de Jesus<sup>40</sup>. Eu não convivi com a Clementina, mas dei sorte porque um rapaz que trabalha comigo, que é produtor é o neto dela, e acompanhava ela sempre. Então, eu sei muita coisa da Clementina por conta do Bira, Bira de Jesus. Ele é o rei de Valência, que é uma região muito escravocrata, com muitas fazendas de café. E de lá de Valência, onde eles foram morar? Ali naquela região de Madureira. Justamente por conta daquela história que eu contei da quebra cafeeira com a abolição, da expulsão dos negros do centro do RJ, da chegada de negros de outras regiões, do trem que fazia curva, da questão do comércio por conta de emprego e, principalmente, da questão do mercado municipal que hoje é o Mercado de Madureira. Me lembrei até de uma menina que fez uma dissertação de mestrado sobre a “Feira da Yabás” e aí eu comentei com ela que, eu não criei aquela tradição, a gente potencializou, deu visibilidade, difundiu. Eu nasci ali no meio das Yabás que significa Mãe Rainha, e, nas religiões de matriz africana, é um termo usado para se referir a todos os orixás femininos. Na feira, é a forma como as cozinheiras são conhecidas. Quando eu nasci o mercado era na quadra do Império Serrano. E tinha uma baiana, muito antiga, chamavam ela de Baiana porque ela saía de baiana no Império Serrano e depois saía na bateria tocando maravilhosamente bem a cuíca. E a imagem que eu tenho de alguém vendendo no mercado era a Baiana. E a Clementina de Jesus foi morar naquela região muito em função do mercado e essa pesquisadora, Adelaide Chao<sup>41</sup>, que fez a dissertação sobre a Feira falou uma coisa interessante: que a estação mais concorrida depois da Central do Brasil era justamente a Estação de Maio, que era dentro de Madureira por causa do mercado. Então, esse mercado atraía muita gente. O Mercado hoje está perdendo um pouco a característica, tinha que ser tombado daquela maneira, tinha que ter uma política pública de tomar e dizer como tem que ser para preservar sua história.



É um patrimônio público da cidade que está se perdendo. E a Clementina de Jesus conhecia muita gente por ali. Ela foi descoberta cantando samba num lugar na Glória pelo Hermínio, pelo grande poeta Hermínio Beto de Carvalho. Quando ele a ouviu cantando, ele se emocionou demais e nem tinha como ouvir a Clementina cantar e não se emocionar. A Clementina era como o Nelson Sargento, uma grô dessa memória.

<sup>39</sup> “A Feira das Yabás, idealizada como destino turístico por Marquinhos de Oswaldo Cruz, é patrimônio cultural imaterial do Rio de Janeiro...” <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/feira-das-yabas-celebra-10-anos-no-rio-e-homenageia-ivone-lara-e-marie> Ver também: [http://visit.rio/que\\_fazer/feira-das-yabas/](http://visit.rio/que_fazer/feira-das-yabas/) Ver também: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/545> Acesso outubro de 2021. Acesso em: 10/21.

<sup>40</sup> Clementina de Jesus da Silva (Valença, 7 de fevereiro de 1901 — Rio de Janeiro, 19 de julho de 1987) foi uma cantora brasileira de samba com voz potente ascentral. Também era conhecida como Tina ou Quelé. <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/clementina-de-jesus>. Ver também: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/biografia-clementina-de-jesus-se-torna-trabalho-incontrolavel-1.1431655>.

<sup>41</sup> Ver aqui dissertação de mestrado “Comunicação e Cultura: a Feira das Yabás” - UERJ <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/9034>.

Fotos: Clementina de Jesus <sup>42</sup>

O Paulo da Portela, como eu falei, e o Mestre Candeia, vocês podem pensar assim: o Paulo da Portela era o Martin Luther King Jr. e o Candeia era o Malcolm X. Desse jeito. Mas a Clementina de Jesus era a Mãe Rainha. E tem isso a memória, e a memória do lugar. E desde quando eu fundei a "Feira das Yabás" não é só mulher que vai cozinhar não! O prover tinha uma importância muito grande nas nossas comunidades. A nossa cultura não é fragmentada: você vai ter o religioso, o profano, a música, a dança, a comida... tudo no mesmo patamar como expressões do sagrado no ser humano. Isso tudo é muito junto. Você vive o todo. Então o prover é muito forte. A Clementina vivia o todo. Lá na feira, a família dela tem uma barraca hoje dos doces que ela Clementina vendia em sua época, são as duas netas dela, Janaína e Vera de Jesus. E a Clementina de Jesus e sua voz poderosa é um retrato Yabá. Era religiosa, ia até na Igreja mas não deixava o seu lado sua espiritualidade africana, segundo seu neto Bira. Era um tipo de pessoa fechada, mas com coração enorme. Alguém que guardava a memória do nosso povo e passava essa memória para as gerações seguintes. Eu tive três mães no samba, muito forte isso pra mim: Dona Neném, mulher do seu Manaceia, que morreu esse ano de Covid-19, com noventa e oito anos; Tia Maria do João que morreu no ano passado, também era muito querida e Tia Surica, que graças à Deus ainda está viva e também a Tia Doca. E a Tia Doca tinha muita essa característica da Clementina de ser um pouco fechada. Ela era fechada até confiar, a partir do momento que ela confiasse em você, pronto. Falavam assim: "Marquinhos, liga pra mãe pra convencer a mãe, liga pra ela!". E eu ligava para a Tia Doca e a gente tinha uma relação muito profunda. E aquela voz bem africana da Clementina de Jesus veio mostrar para o Brasil que não tem esse negócio de quem canta na nossa cultura é só homem. (...) Só uma explicação: o samba quando começou era de improviso, tinha uma parte e a segunda parte era improvisada na roda segundo os contextos. Exemplo: *"Eu não quero saber mais dela/ Foi embora da Portela/ Foi embora da Portela / Dizendo que o samba/ Lá em Mangueira que é bom / Ah meu deus do céu / Minha doce companheira / Se mandou de Madureira / Seja o que deus quiser"*. Essa é a primeira parte. A segunda vou improvisar agora: *"Veja o que eu canto agora/ Canto um samba em Caxambu / Canto pra universidade / Que fica em Foz do Iguaçu / Veja o que eu falo agora / Falo de Oswaldo Cruz e do Morro Serrinha/ Vou mandando o meu verso pra professora que é Flavinha"*. E, é assim, iam improvisando. Tem alguns gênios do gênero: Zeca Pagodinho é um desses gênios. E eu conheci um outro chamado Renatinho Partideiro, Deni de Lima. Eles versavam e tinham banda. Das matriarcas tinha a Jovelina Pérola Negra<sup>43</sup>, né. Luz do Repente.

"(...) Eu sou partideira da pele mais negra  
 Que venho, que chego para improvisar  
 Já vi partideiro que nunca vacila  
 Entrando na fila querendo versar  
 Mas dou um aviso que meu improviso  
 É sério é ciso não é de brincar  
 Otário com aço eu mando pro espaço  
 Eu sambo, eu faço o bicho pegar  
 É, sem vacilar é, é, sem me exibir é, é  
 Só vim mostrar, é, o que aprendi (...)"  
**Luz do repente**  
 (Jovelina Pérola Negra)

Sim, muito poder feminino. Me lembrei de uma história do Sr. Xangô da Mangueira me contando que ele tinha ido no samba e um cara todo atrevido, um valentão da Mangueira, apareceu e começou a sambar ao lado de uma negra bonita que estava lá sambando. O valentão chegou e começou a sambar com ela, começou a se engraçar coisa e tal. Quando ele "moscou", ela uma rasteira nele e o valentão caiu sentado. (risos) Todo de branco, todo sujo, todo mundo

<sup>42</sup> Fonte das fotos: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/15501-clementina-de-jesus,-samba-e-ancestralidade>.

<sup>43</sup> Idem 31.

rindo da cara dele. E tinham essas mulheres que o tio Argemiro falava que todo mundo tinha medo.

Dona Alzira Moleque, Dona Rosária, Dona Dagmar que saía no sul. Todo mundo tinha medo dessas mulheres. O Nei Lopes fala sobre elas, o Nei Lopes já escreveu alguma coisa sobre elas. Eu ouvia falar quando criança. Fiz até um samba para elas também por causa da importância da mulher. Elas mostraram o poder da mulher na nossa cultura. Quebraram, todas elas paradigmas. Eram elas que mandavam. Eu me lembro do Deni, numa festa, pra chamar a atenção das pessoas se entortou todinho como se tivesse recebendo santo. Ai todo mundo olhando, todo mundo na dúvida, todo mundo assustado... até que tia Doca ficou olhando pra cara dele durante um tempo, procurando, procurando e nada dele olhar no olhos dela. Quando ele olhou pra ela, Tia Doca o encarou séria e deu-lhe um tapa na cara. E ele: "Não, calma Doca, calma!". (risos) E ela: "Tú não tá com nada, seu safado. Deixa de teatro" (risos). (...) Tem uma outra história importante que os mais velhos sempre falavam, Sr. Jair do Cavaquinho falava: "Oh, Marquinhos, escolha de samba-enredo é essa confusão hoje, mas antes, quem decidia o samba-enredo nas escolas de samba eram as mulheres, as velhas pastoras"<sup>44</sup>. As pastoras cantavam e o samba que elas mais cantassem era o samba vencedor. O que caía na boca da mulher era o samba certo. Se elas gostaram mais desse e estão cantando alegres e cantando bem, esse era o samba vencedor. Não tinha outro.



Foto: Jovelina Perola negra<sup>45</sup>

**ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES:** Vou aproveitar a ocasião e pedir um samba para minha Yabà, Teresinha Dorneles, mulher do samba, líder comunitária famosa em Nova Iguaçu no Rio de Janeiro, guerreira, protetora das crianças e dos jovens pobres, conselheira tutelar, *Iyà* de sabedoria infinita... dessas que fazem o valentão pedir desculpas, sabe? Ela se encontra hospitalizada com Covid-19 e em breve, se Deus quiser, continuará nos alegrando com seu sorriso. Peço para ela, Marquinhos, "Sorriso Negro".

(cantado, voz, violão)  
 Um sorriso negro  
 Um abraço negro  
 Traz felicidade  
 Negro sem emprego  
 Fica sem sossego  
 Negro é a raiz da liberdade  
**Um sorriso negro**  
 (Dona Ivone Lara)

**ENTREVISTADO MARQUINHOS DE OSWALDO CRUZ:** Sim! Salve Teresinha Dorneles! Um dia ainda vou cantar com ela no presencial. (canta) E para terminar, Flavinha, em agradecimento a este convite que realiza o sonho revolucionário de Candeia que ver o samba na universidade celebrado como um saber, eu quero cantar uma música de minha autoria que resume o meu sentimento como sambista: **Herança do Samba**.

<sup>44</sup> "Nas escolas de samba as mulheres cantoras são chamadas de Pastoras. Suas vozes dão leveza ao samba. Nos primórdios, as mulheres, ao cantar em coro as composições que mais gostavam, determinavam qual seria o samba vencedor na quadra. Hoje, as Pastoras fazem parte da Velha Guarda e continuam a emprestar suas vozes aos sambas mais tradicionais de suas escolas. No Rio de Janeiro, a Portela foi uma das primeiras escolas de samba a manter viva essa tradição" Documentário: *As pastoras*. <https://imaginariodigital.org.br/visoes-perifericas/2017/filme/pastoras> Acesso em: 10/21.

<sup>45</sup> Fonte foto: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jovelina\\_P%C3%A9rola\\_Negra](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jovelina_P%C3%A9rola_Negra).

"Meu samba é terno, é doce,  
Herança que não vai se acabar  
Ente como em ferro fosse  
Em brasa pra não se apagar  
Não basta ser o rei da noite  
(...) Não cobrirá o açoite  
Nem com toda filosofia  
Do que nos vale um castelo  
A revelia das ondas do mar  
Um ritual que transcende  
Samba é o sussurro da voz ancestral  
Brada ao silêncio, apela ao bom senso pra  
te ouvir cantar  
Nada é mais propenso que um bom samba  
entoar  
Muito mais que um canto é lascivo encanto  
que paira no ar  
Traz a pureza de um santo, é negro, é  
o, meu Brasil a cantar.  
Traz a pureza de um santo, é negro, é  
banto, meu Brasil a cantar".

**ENTREVISTADORA FLÁVIA DORNELES:** A UNIOESTE de Foz de Iguaçu, todos os participantes deste evento, o povo negro e todo Brasil agradece imensamente a presença do Bamba<sup>46</sup> Marcos Sampaio de Alcântara neste evento. Que o registro de suas memórias, essa aula brilhante que ele nos deu, inspire estudos sobre nossa cultura e identidade.

Recebido em 19-05-2022  
Revisões requeridas em 04-11-2022  
Aceito em 04-03-2023

<sup>46</sup> (do quimbundo *mbamba*: especialista).